

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 11 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4158889>



COVID-19 E INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA: POTENCIALIDADES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos¹

Júlio Paulo Cabral dos Reis²

Resumo

O presente artigo teve por objetivo refletir sobre as potencialidades da internacionalização em casa para o processo de ensino-aprendizagem na educação superior em tempos de pandemia da COVID-19. Para isso, reflete sobre o cenário da sociedade do conhecimento no século XXI, assim como as implicações ocasionadas pela pandemia em tela relatada. Também analisa de que maneira a internacionalização pode contribuir para melhor impactar na formação dos estudantes universitários, quando pensada como uma estratégia articulada com os objetivos do currículo. Por fim, reflete as (im)possibilidades da internacionalização para a “nova normalidade educativa”.

Palavras chave: Educação Superior. Ensino-aprendizagem. Internacionalização em Casa.

Abstract

The purpose of this article was reflected on the potentialities of internationalization at home for teaching-learning process in higher education in times of COVID-19 pandemic. For that, it reflects on the scenario of the knowledge society in the 21st century, as well as the implications caused by the pandemic on screen. It also analyzes how internationalization can contribute to better impact the training of university students, when thought of as a strategy articulated with the objectives of the curriculum. Finally, it reflects the (im)possibilities of the internationalization for the “new educational normality”.

Keywords: Higher Education. Internationalization at Home. Teaching-Learning.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade do conhecimento contemporânea vem passando por muitas transformações no século XXI, nas quais impactam diretamente nosso cotidiano. Dentre elas, podemos destacar a globalização, a tecnologização, a abertura dos mercados de capitais, assim como aspectos relacionados à política e economia internacional e nacional (SANTOS, 2018), por exemplo. De certa maneira, mesmo que implicitamente, essas transformações contribuem para a (re)configuração das (novas) relações sociais, econômicas, políticas e, em especial para este ensaio, as educacionais.

¹ Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN). Bolsista PNPd/CAPES. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE) com período sanduíche (em ambas formações) pela Universidade La Salle México (ULSA). Mor de Comando da Banda Musical Morada do Vale (BMMV/Gravataí-RS). E-mail para contato: mendes.guilherme234@gmail.com

² Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e Licenciado em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professor Efetivo de Matemática do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (EBTT/IFMG/Campus Ibirité). E-mail para contato: julio.reis@ifmg.edu.br



Neste sentido, quando pensamos na globalização, percebemos que ela é um processo no qual influência grande parcela da sociedade, quiçá a todos os sujeitos. Uma vez que este processo projeta uma nova concepção e percepção acerca do mundo pós-moderno, ou seja, uma visão que interconecta o global e o local. Sendo assim, as organizações sociais, político-econômicas e, também, as educacionais, acabam incorporando aspectos que promovem tais movimentos. A exemplos, a maior presencialidade das tecnologias digitais da comunicação e informação (TIDC's) nas interações, o aumento da busca pelo conhecimento, a articulação com a pluralidade cultural e a formação voltada para uma visão holística e sistêmica das (novas) demandas exigidas pela contemporaneidade.

Partindo-se de tais pressupostos, quando voltamos nosso olhar para o cenário educacional, observamos que os aspectos supracitados vêm constituindo-se como um novo paradigma para as ações relacionadas aos processos de ensino-aprendizagem, de modo a oferecer a reflexão entre a formação docente e do estudante estejam interligadas nestas perspectivas. As TIDC's, neste íterim, estão consolidando esse movimento (inter)nacional no *locus* das instituições, das organizações curriculares e das práticas pedagógicas sendo consideradas premissas fundamentais para que se busque um melhor desenvolvimento dos campos dos saberes, da pessoa humana e do exercício da cidadania.

Para tanto, a perspectiva tecnológica para a formação vem trazendo um pensamento que que a presencialidade pode ser relativizada ao ponto de que, por meio da copresença, o estar junto, não necessariamente significa estar fisicamente e geograficamente próximos, mas que por diferentes meios e ambientes podemos interagir, aprender e nos desenvolver (BACKES; MANTOVANI, BARCHINSKI, 2017). Cada vez mais, além da utilização de estratégias didático-pedagógicas, a promoção de práticas que estejam voltadas ao virtual, a interconectividade e ao hibridismo tecnológico estão ganhando mais espaço no cotidiano da comunidade educativa, desde a educação infantil à educação superior.

Consoante à esta consideração, notamos que, a partir do advento da pandemia da COVID-19, houve uma aceleração de uma mudança de postura educacional, ao ponto que vivíamos em um cenário mais voltado ao analógico/presencial e com práticas tecnológicas em menor dimensão ao que percebemos no presente momento (SANTOS *et al.*, 2020).

Após o surgimento da referida pandemia e de seus efeitos colaterais como, por exemplo, a restrição de mobilidade da sociedade por meio de medidas tais como a quarentena e o distanciamento social (AQUINO *et al.*, 2020), fez com que as instituições de todos os setores, incluindo o educacional tivessem que repensar as estratégias de continuidade da promoção e manutenção de suas atividades. Este repensar muito se deu visto que, em muitas instituições, houve a necessidade do fechamento, ao ponto que as pessoas tiveram que afastar-se do contato presencial em massa.



Dessa maneira, as instituições educativas com as suas “portas fechadas” tiveram que repensar de modo célere em alternativas para continuarem a desenvolver/promover os processos de ensino-aprendizagem. Uma estratégia que foi potencializada para este contexto foi a adoção da modalidade: Ensino Remoto Emergencial – ERE. Os processos de ensino-aprendizagem nesta modalidade são compreendidos como uma tática de continuidade das atividades por meio de utilização de diferenciados ambientes e plataformas digitais para situações de crise (ARRUDA, 2020).

Deste modo, os vários recursos oferecidos pelas TIDC’s (Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA’s), vídeos, *links*, encontros síncronos subsidiados por plataformas, *podcasts*, dentre outros) são apontados, como potencializadores para a construção de conhecimentos nesta modalidade. Consideraram-se, também, a aplicação e o desenvolvimento de “novas” e tradicionais metodologias de ensino-aprendizagem, com o aporte tecnológico, a exemplos, a sala de aula invertida (*flipped classroom*) e a aprendizagem ativa, as quais nesta modalidade (ERE) ganham significativos espaços. Sendo assim, o ERE³ foi uma importante possibilidade que promoveu e está promovendo, até o presente momento, a efetividade dos processos educativos e da formação nos diferentes níveis de ensino.

No decurso deste período, iniciado em março de 2020, várias são as alternativas que estão sendo adotadas pelos professores e instituições para que possam contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Alguns destes: a realização de videoconferências, encontros com docentes convidados, a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem – (AVA’s), a criação de videoaulas, práticas de ensino colaborativas e outras como supracitado (SANTOS *et al*, 2020). Nesse sentido, podemos pensar que uma maior proliferação e diversidade de estratégias estão sendo promovidas no contexto da educação superior, até pela característica plural que este nível possui. Dentre elas, podemos destacar as práticas de internacionalização, a realização de atividades com docência compartilhada e de atividades em forma de seminários virtuais, mesas redondas com professores locais e estrangeiros etc.

Diante do exposto, para este ensaio, nosso objetivo será refletir sobre a internacionalização como uma estratégia educacional que vem ganhando maior espaço nas práticas pedagógicas do cotidiano universitário no período da pandemia da COVID-19. Para isso, a próxima seção trará nossas reflexões sobre a temática em tela: internacionalização na educação superior – um repensar.

³ Ressaltamos que, para este ensaio, não focaremos nas potencialidades e limitações do ERE como estratégia para o ensino-aprendizagem, mas sim considerando-o como o espaço atual e legítimo de promoção efetiva da formação e, de que forma, aspectos como a internacionalização estão ganhando mais espaço frente a esse momento. Obviamente, possui suas críticas, (in)tensões, (des)vantagens e potencialidades, mas a discussão será realizada em outro momento. Bem como, não entraremos no debate sobre metodologias ativas e/ou sala de aula invertida. O foco é a internacionalização.



(RE)PENSANDO SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA (IaH⁴) NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Cada vez mais, a busca pelo conhecimento e imersão em outras culturas vem sendo um pressuposto da sociedade pós-moderna e, por extensão, do contexto educacional. Neste cenário, um aspecto que vem ganhando maior visibilidade e introjeção nas propostas educativas e curriculares é a internacionalização. De acordo com Morosini (2018), podemos entender a internacionalização como um processo que visa a promoção de ações voltadas às práticas de imersão a ambientes (inter)nacionais e (inter)culturais para contribuir ao desenvolvimento formativo das pessoas. Seja via de mobilidade acadêmica⁵ e/ou de distintas ações que proporcionem a interrelação entre o local e o global, de modo a valorizar os diferentes contextos.

Partindo-se dessa perspectiva, a educação superior, por sua vez, vem se caracterizando um nível educacional que, nas últimas décadas, ampliou e adotou significativamente a internacionalização na formação de recursos humanos⁶ na graduação e pós-graduação *stricto sensu*. Também vem incorporando tais ações nas práticas de ensino, pesquisa e extensão para todos os agentes educativos – considerados aqui, como gestores, professores, estudantes, técnicos-administrativos e comunidade acadêmica.

Neste sentido, devido a importância que a internacionalização está tomando no contexto universitário, autores já estão considerando-a como a quarta missão universitária (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012; SENHORAS, 2014). Assim, para entendermos melhor o papel que a internacionalização exerce, torna-se fundamental a caracterizarmos como um processo que possui suas especificidades, particularidades e aspectos essenciais que são relevantes para a sua inclusão na formação no espectro da educação superior. Como mencionamos anteriormente, ela pode ser entendida como ações que impulsionam a imersão em outras culturas, especialmente oriundas de outros países e, que, ampliam a visão do sujeito para uma compreensão mais holística sobre determinados fenômenos. Além, da troca de experiências e a construção de conhecimentos propiciada com este processo.

Em relação à imersão, a internacionalização foi por muitos anos compreendida como um processo destinado à mobilidade acadêmica de estudantes e professores para a inserção em outros países e instituições e, por meio dela, conhecer e vivenciar realidades distintas à sua. A partir desta mobilidade, as interações e construção de conhecimentos, sejam estes, políticos, geográficos, linguísticos, de formação, culturais, econômicos, dentre outros, são potencializados.

⁴ *Internationalization at Home – IaH*.

⁵ Compreendida como o ato do sujeito deslocar-se (mover-se/viajar) do seu local para outros contextos, especialmente internacionais.

⁶ Compreendida como a formação e orientações de estudantes de graduação, mestrado e doutorado e pesquisadores em estágio pós-doutoral, realizada pelos professores-pesquisadores.



Devido à valorização da mobilidade como um ponto crucial da efetividade da internacionalização, ações como a promoção de bolsas de estudos, de estágios de pesquisa, de formação de recursos humanos em nível de pós-graduação *stricto sensu*, foram implementadas como aspectos centrais dela (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017; RAMOS, 2018). Para isso, agências de fomento, como a Coordenação de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, as Fundações de Amparo à Pesquisa – FAPs –, bem como os próprios setores das Instituições de Educação Superior – IES –, promovem editais para a concessão de financiamentos para que as ações de internacionalização possam ser efetivadas, visto que também, especialmente na pós-graduação *stricto sensu*, tais ações são avaliadas.

Diante deste cenário, a educação superior brasileira veio se apropriando da importância que a internacionalização pela mobilidade acadêmica exerce para os avanços da sociedade do conhecimento e para o século XXI, visto que a compreensão de diferentes contextos pode potencializar uma formação mais ampla, dotada de competência holística, reflexiva e crítica sobre o campo ao qual se está apropriando. Contudo, a partir desse advento, os primeiros movimentos voltados à mobilidade consideravam a interação os países do hemisfério Norte como potenciais lócus de mobilidade, gerando-se as relações para o Sul-Norte.

Além disso, valorizava-se a língua estrangeira de tais países, especialmente a língua inglesa, como fundamental para sua efetividade, o que, de certo modo, era um limitante para a maior participação e inserção de estudantes em respectivos programas de mobilidade, por exemplo (FINARDI; SANTOS; GUIMARÃES, 2016). Bem como, ter o tempo disponível para ficar fora do país/região (tempo este variável, dependendo do programa), no qual se realizaria a internacionalização. Isto exigia, por vezes, o abandono/suspensão de suas atividades no mercado de trabalho (realidade de muitos estudantes brasileiros), um certo domínio de uma língua estrangeira (que não é a realidade de parte dos acadêmicos) e o lançar-se à internacionalização, sem garantias empregadoras futuras. Neste sentido, a internacionalização no devir físico apresenta os seus desafios, assimetrias e segregações. O que não é o objetivo de discussão deste ensaio.

Buscamos aqui analisá-la sob o ponto de vista da importância dela na formação do estudante da educação superior e refletir uma maneira de efetivá-la. Tal forma, a qual será apresentada e refletida, de certo modo, oferece a inclusão para vários estudantes nas condições acima supracitadas.

Neste sentido, com os avanços da compreensão sobre o papel da internacionalização na formação universitária, começou-se a valorizar, cada vez, as interações com diferentes países, sejam do hemisfério norte ou sul, pois, todos eles trazem, de alguma forma, uma ampliação da visão do sujeito. Por isso, não somente a mobilidade Sul-Norte, mas também a Sul-Sul, ganharam evidência nas



respectivas ações. Desta forma, viu-se mais estudantes de pós-graduação e pesquisadores realizando estágios de pesquisa, mestrados e doutorados sanduíches ou em cotutela, em países em que o inglês não era a língua dominante.

Neste sentido, ao pensarmos na mobilidade acadêmica como uma estratégia importante de internacionalização, outras foram ganhando mais espaço, como a internacionalização do currículo (IoC⁷) e a internacionalização em casa (IaH). Segundo Morosini (2018), ao olharmos para a IoC, as IES precisam buscar formas de considerá-la não somente como um meio, um objetivo, mas sim como um pensamento, uma proposta e visão de internacionalizar a formação universitária, de modo que ela seja compreendida pela comunidade acadêmica como parte do processo curricular, buscando promover uma cidadania global. Nas palavras da autora, “no processo de internacionalização do currículo, vem ocupando espaço uma concepção, de caráter mais amplo, que se afasta da formação para atendimento ao mercado globalizado e postula a construção de uma formação mais igualitária e solidária – a cidadania global” (MOROSINI, 2018, p. 124).

Sendo assim, a partir dos estudos de Morosini (2018), entendemos que a IoC pode ser considerada como um processo que valoriza a promoção de um currículo com perspectiva internacional e multicultural, baseado em objetivos que buscam aprimorar a formação e qualificação do estudante, de modo a impactar positivamente a sua atuação no campo profissional, socioemocional e na sua trajetória ao longo da vida para seu pleno desenvolvimento e exercício da cidadania.

Considerando, ainda, a perspectiva da autora, a IaH vem pautando-se nessa premissa de ampliar a compreensão acerca de que a internacionalização transcende a mobilidade – o que se torna opcional. Para isso, ela pode ser considerada uma das vertentes da IoC. Cabe destacar que a IaH consiste em um conjunto de estratégias pensadas de modo muito articulado e arquitetado para um currículo que busque promover uma formação mais global do sujeito e com condições que valorizem diferentes estratégias como a participação em aulas com professores convidados, eventos com convidados domésticos e estrangeiros, recebimento de estudantes estrangeiros, colaboração *online*, materiais internacionais e outros (BARANZELLI, 2019).

Neste sentido, Barazelli (2019) nos traz um modelo de IaH que pode nos ajudar a compreender sua melhor introjeção no cenário educacional de modo mais efetivo, uma vez que considera múltiplas estratégias sendo valorizadas como aspectos relacionados à internacionalização, como mencionados anteriormente. Outro ponto também que Baranzelli (2019) traz em seu modelo de IaH para o cenário brasileiro é a valorização do local como ponto importante para a compreensão mais ampla e em diferentes contextos. Em relação às alternativas devem ser pensadas para o currículo obrigatório, de

⁷ *Internationalization of the Curriculum – IoC.*



modo que as práticas desenvolvidas sejam pensadas com uma intencionalidade voltada ao olhar, não somente local, mas também, o internacional e global. O professor, como gestor do processo de ensino-aprendizagem, assume uma importante função nesta perspectiva, uma vez que necessita pensar de modo constante e articulado com o currículo para as referidas ações propostas aos seus estudantes.

Com a possibilidade de internacionalização apresentada por Baranzelli (2019), a IaH, abre uma gama de possibilidades e acessibilidades a grande parte dos estudantes brasileiros de nível superior e, também, para a educação básica. Podemos dizer, ainda, que a internacionalização, de certo modo, já está se tornando-se mais inclusiva e já era uma realidade proposta e refletida pela área educacional, antes mesmo, da pandemia da COVID-19.

Nesta perspectiva, ao considerarmos o contexto pandêmico, apresentamos na sequência uma reflexão mais contextualizada acerca da IaH.

INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA (IaH) E A COVID - 19

Diante do exposto, ao voltarmos nosso olhar para o cenário da pandemia da COVID-19, podemos perceber que, de acordo as características da IaH, ela traz muitas possibilidades e potencialidades para os processos de ensino e aprendizagem. Principalmente neste período em que o ERE é o espaço efetivo das ações educativas. Consideramos que a valorização de ações voltadas à internacionalização possa ser percebida e introjetada pelos professores, uma vez que a redução das distâncias foi imposta, de modo muito acelerado neste ano, a IaH está proporcionando uma maior potencialidade de comunicação, inserção e conhecimento de novas realidades. Para tanto, há a necessidade do (re)conhecimento acerca da IaH como um fator importante para um currículo mais global e cidadão, de modo a possibilitar uma visão mais ampla para os estudantes.

Desta maneira, a organização de atividades voltadas à participação de estrangeiros – docentes e/ou estudantes nas disciplinas da graduação e pós-graduação, por exemplo, assim como o foco na docência compartilhada com professores de outras localidades podem vir a tornarem-se importantes ganhos para a formação. Ademais, este momento pandêmico está se revelando como um espaço profícuo para o estabelecimento de novas parcerias e de transposição de fronteiras, nas quais podemos pensar de modo ilimitado em alternativas e estratégias para vincular e associar as compreensões e perspectivas internacionais à nossa realidade.

Também está se tornando, por meio do ERE, um ambiente no qual estamos percebendo um avanço na disseminação do conhecimento bibliográfico por meio de obras digitais e que proporcionou uma adoção de uma concepção de rede de compartilhamento de saberes, ao ponto de favorecer o acesso



ao conhecimento ao alcance da “palma da mão”. Se pensado em estratégias que estejam com objetivos de potencializar a formação dos estudantes na perspectiva da IaH, poderemos ter avanços importantes e que servirão de legado para a “nova normalidade educativa”, tais como a ampliação do arcabouço teórico sobre cada campo do conhecimento e de nos aproximarmos do pensamento internacional.

Outro fator importante a destacar é a pulverização de atividades em formato de *live* – eventos *online* que buscam discutir um determinado assunto e que é divulgado e transmitido por diferentes meios digitais. Um avanço trazido pelo fenômeno pandêmico foi a facilidade de participação em eventos das mais diversas características com professores, pesquisadores e grupos de pesquisa de distintas localidades e países, minimizando tempo de deslocamento e tempo físico presencial, valores monetários investidos, dentre outros fatores.

A língua estrangeira torna-se um atributo importante, mas não exclusivo da participação dos sujeitos, visto que há diferentes ferramentas que possibilitam as interações e contribuem para a inclusão e compreensão do que se está transmitindo. Logo, se tais ações forem incorporadas ao currículo dos cursos universitários, pode, em grande medida, potencializar e qualificar a formação dos estudantes.

À guisa de uma conclusão, reiteramos que a IaH, mesmo que já viesse sendo aplicada e desenvolvida nas e pelas IES, foi, neste ano de 2020, que ela sofreu um maior (re)conhecimento por parte dos diferentes atores educativos. Além disso, muitos professores, por exemplo, já estavam e estão desenvolvendo ações de internacionalização de modo mais empírico, mas ao serem aproximados pelos fundamentos da IaH, podem aprimorar seu trabalho docente, sua profissionalização e a formação dos estudantes para uma visão cada vez mais necessária à sociedade do século XXI – a global. Também destacamos que a IaH pode impactar diretamente e qualitativamente na trajetória de cada agente educativo, uma vez que exerce um papel inclusivo e promove o exercício da cidadania, ao se buscar compreender e (re)conhecer (novas) culturas como espaços promotores de aprendizagem e interações. Ela desvenda um mundo, até então, desconhecido e abre uma janela de possibilidades para se pensar sistematicamente e holisticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto neste ensaio, acreditamos que a pandemia da COVID-19, mesmo diante de suas implicações complicadas para a sociedade no que concerne às questões sanitárias, à vida humana, às diferentes perspectivas voltadas à política, economia e outros campos, nos trouxe, enquanto sociedade do conhecimento global e contemporânea, um amadurecimento para (re)pensarmos as diferentes formas de interações, relações sociais e, certamente, profissionais e culturais. Com o seu advento, fomos



submetidos a, repentinamente, (re)considerarmos nossa maneira de nos comunicarmos, de interagirmos, de percebermos o outro e as formas de (não)manutenção de determinados serviços e atividades, tanto em cenário local, internacional e global (SENHORAS, 2020). É dizer, fomos convidados a criar ou a reinventar-nos.

Deste modo, quando centramos nossa atenção para a realidade educativa neste texto, trouxemos a perspectiva de que as TIDC's exercem atualmente um papel fundamental na promoção formativa das relações educacionais, o que anteriormente era tangenciada pela comunidade escolar e acadêmica. Por conseguinte, obviamente, trouxe tensões e desafios para os agentes educativos, especialmente para os professores, pois tiveram que (re)pensar drasticamente sua função e como efetivariam suas práticas pedagógicas de forma virtual. Por outro lado, percebemos que este ano se tornou um marco histórico para a sociedade e para a área educacional, visto que, certamente, já não seremos mais e não agiremos como antes. Tivemos que mudar nossa cultura, para uma com viés tecnológico e que está nos exigindo, diariamente, refletirmos sobre o nosso próprio trabalho e profissionalização.

Discutimos também sobre as potencialidades da internacionalização no contexto universitário e apontamos que ela transcende à mobilidade, visto que sua visão contemporânea considera múltiplas formas de compreender-se internacional e globalmente as ações educativas, especialmente quando estas estão vinculadas ao currículo. Para tanto, destacamos a internacionalização do currículo (IoC) e uma de suas vertentes, a internacionalização em casa (IaH) como aspectos importantes que podem ser adotados neste cenário em que o ERE atua como um espaço efetivo e profícuo para o ensino-aprendizagem e que extrapola as distâncias limitadas geograficamente para um ambiente virtual liberto de fronteiras.

Por fim, apontamos e defendemos que a IaH precisa, pouco a pouco, ir se incorporando no repertório de conhecimento dos professores e das instituições para que as suas práticas pedagógicas possam ir construindo uma identidade internacionalizada e que sua ação docente seja voltada à formação de um estudante local, com reconhecimento das possibilidades e potencialidades do internacional e global, para a sua formação humana e principalmente para o seu pleno exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. *et al.* “Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil”. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 25, n. 1, junho, 2020.

ARRUDA, E. P. “Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, vol. 7, n. 1, maio, 2020.



BACKES, L.; MANTOVANI, A. M.; BARCHINSKI, K. “Educação superior em espaços híbridos: a presença e a copresença no processo de cooperação”. **Conjectura: Filosofia e Educação**, vol. 22, n. 3, 2017.

BARANZELLI, C. “Modelo de internacionalização em casa – IaH”. *In*: MOROSINI, M. C. (org.). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

FINARDI, K.; SANTOS, J.; GUIMARÃES, F. “A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal”. **Interfaces Brasil/Canadá**, vol. 16, n. 1, 2016.

MOROSINI, M. C. “Internacionalização do currículo: produção em organismos multilaterais”. **Roteiro**, vol. 42, n. 1, 2018.

MOROSINI, M. C.; NASCIMENTO, L. M. “Internacionalização da educação superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações”. **Educação em Revista**, vol. 33, abril, 2017.

RAMOS, M. Y. “Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos”. **Educação & Pesquisa**, vol. 44, junho, 2018.

SANTOS, G. M. T. **A qualidade da educação superior e a pedagogia universitária**: um olhar sobre a docência. (Tese de Doutorado em Educação). Canoas: Universidade La Salle, 2018.

SANTOS, G. M. T. *et al.* “Educação superior: reflexões a partir do advento da pandemia da COVID-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 10, 2020.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A quarta missão da universidade**: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SENHORAS, E. M. “COVID-19 e os padrões das relações nacionais e internacionais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020.

SENHORAS, E. M. **Estruturas de gestão estratégica da inovação em universidades brasileiras**. Boa Vista: EdUFRR, 2014.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 11 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima